

CLIENTE: CBH-Doce

VEÍCULO: Jornal Floripa

DATA: 01 de maio de 2017

### [Leia a reportagem completa](#)



Mariana – Do olho d'água que se avolumava num lago até correr pela fazenda sobrou apenas o solo úmido e coberto por mato. Uma ausência que o estrume de gado ressecado, nas velhas margens, mostra ser antiga e indica que nem sequer os bois perdem tempo procurando o que beber por ali. Adiante, o antigo curso de córrego deu espaço à erosão. Essa situação desoladora resume um pouco o estado em que se encontram várias nascentes do Ribeirão Águas Claras, em Mariana, segundo a Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Mariana. O manancial é o principal tributário do Rio Gualaxo do Norte, o curso d'água mais atingido pelo rompimento da Barragem do Fundão. E muitos ambientalistas e especialistas apostam que o Águas Claras é uma das repostas para o rio voltar a ter saúde, depois de ter sido soterrado por cerca de 50 milhões de metros cúbicos de lama e rejeitos da Samarco. Basta, para isso, que o ribeirão tenha suas margens, nascentes e áreas de recarga preservadas para injetar mais líquido de qualidade no curso degradado. "Chegamos à conclusão de que a remoção dos rejeitos do leito do rio traria mais impactos, na maior parte dele, do que se deixarmos a força do próprio manancial levar embora, aos poucos, esse material", indica o engenheiro agrônomo especialista em programas socioambientais da Fundação Renova Leonardo Ferreira. Muitas dessas nascentes serão alvo de preservação devido à compensação ambiental acertada pela Samarco na Justiça por causa do desastre, mas uma parte importante pode ser recuperada, segundo o Instituto Estadual de Florestas (IEF) revelou, pela priorização do Programa de Regularização Ambiental (PRA) naquela região. A nascente que secou é emblemática não apenas por exibir o resultado que a degradação ambiental pode alcançar. À volta do olho d'água esgotado só há pasto. "Essa nascente secou claramente devido ao desmatamento que a gente observa no entorno da área onde deveria haver água. Não tem nada de mata ciliar. A área de preservação permanente (APP) foi totalmente devastada. De acordo com a legislação, deveria ter uma cobertura de 30 metros de florestas em cada margem e 50 metros de